



Revista Investigações, Recife, v. 39, n. especial – A literatura africana em língua espanhola, e266727, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2175-294X.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/index>

<https://doi.org/10.51359/2175-294x.2026.266727>

# Novas vozes da literatura marroquina de expressão espanhola

Mourad Eddakamer\* 

Fernanda Correa Silveira Galli (UFPE)  
Editora Responsável

Ricardo Postal (UFPE)  
Editor de Seção – Estudos Literários

Rogério Mendes Coelho (UFRN/UFPE)  
Editor Convidado

Benita Sampedro Viscaya (Hofstra  
University)  
Editora Convidada

M'Bare N'Gom Faye (Morgan State  
University)  
Editor Convidado

Recebido em 02/06/2025.

Aprovado em 04/09/2025.

Como citar:  
EDDAKAMER, Mourad. Novas vozes da  
literatura marroquina de expressão espanhola.  
Revista Investigações, Recife, v. 39, n. especial -  
A literatura africana em língua espanhola,  
e266727 2026. DOI:  
<https://doi.org/10.51359/2175-294x.2026.266727>

**Resumo:** A literatura marroquina de expressão espanhola resulta do contato histórico e cultural entre Marrocos e a Espanha especialmente durante o protetorado espanhol (1912–1956). Embora pouco estudada reflete a diversidade cultural e o legado do bilinguismo. Desde crônicas coloniais até obras autorais contemporâneas aborda temas como identidade, memória, exílio e interculturalidade. Autores como Mohamed Bouissef Rekab e Mohamed Sibari destacam-se nesse panorama. Apesar da marginalização editorial, essa literatura representa uma forma de resistência simbólica e oferece uma visão singular das realidades magrebina, revelando uma produção literária transfronteiriça, multilíngue e culturalmente rica.

**Palavras-chave:** Literatura marroquina. Expressão espanhola. Protetorado espanhol. Identidade cultural. Literatura pós-colonial. Escritores marroquinos hispânicos.

\* Universidade Mohamed V. Professor pesquisador agregado em língua, cultura e literaturas lusófonas na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Rabat, Universidade Mohamed V no Marrocos. Professor do Mestrado de Didática de línguas e culturas latinas - Português e espanhol na Escola Normal Superior. Coordenador do Departamento de Estudos Portugueses. E-mail: [morad.eddakamer@gmail.com](mailto:morad.eddakamer@gmail.com).



Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## INTRODUÇÃO: ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA LITERATURA HISPANO-MARROQUINA

A história recente de Marrocos é feita de encontros, tensões e diálogos entre culturas que, ao longo de décadas, se cruzaram no mesmo território. Desde 1912, quando o Tratado de Fez formalizou o início do protetorado, o país foi dividido entre duas administrações coloniais: a francesa chamada “zona do sultão”, que governava a maior parte da região central e do sul, e a espanhola, concentrada no norte, com cidades como Tetuão, Larache e parte do Ríf, além de uma faixa no extremo sul em torno do Cabo Juby. A Espanha conservava ainda as cidades de Ceuta e Melilha, vestígios de uma presença anterior à partilha colonial e que continuam, até hoje, sob sua soberania.

Essas fronteiras políticas eram também fronteiras culturais. No norte, o som das ruas misturava o árabe darija com um espanhol adaptado ao cotidiano; no sul e no centro, o francês dominava o ensino, a imprensa e a vida administrativa. Essa dualidade criou dois ambientes culturais distintos, mas igualmente intensos. No caso da zona espanhola, o idioma peninsular não era apenas língua de poder: entrava nas casas, nas conversas do mercado, nas canções de pescadores, nas crônicas de jornais e, pouco a pouco, nas páginas de escritores marroquinos que começaram a moldar sua voz criativa nessa língua.

Quando a independência chegou em 1956 — primeiro com a retirada da França, em março, e semanas depois com o fim oficial do protetorado espanhol —, o país iniciou um processo de redefinição de sua identidade política e cultural. Foi também o momento em que a presença oficial da Espanha começou a perder espaço, mas as sementes deixadas pelo convívio de décadas germinaram num fenômeno singular: uma literatura marroquina escrita em espanhol, que não se limitava a ecoar influências ibéricas, mas que reinterpretava o idioma a partir da sensibilidade, da memória e das vivências locais. É nesse terreno fértil, nascido do entrelaçamento de histórias e línguas,

que se formou um campo literário bilíngue de valor único no panorama do Magrebe.

Nas últimas décadas, observa-se um movimento deliberado para revitalizar a presença cultural espanhola em Marrocos, sobretudo no norte, região onde as marcas do passado colonial permanecem mais visíveis. Esse esforço tem se materializado na recuperação e dinamização de centros culturais espanhóis, que voltaram a ocupar um papel ativo na vida intelectual das cidades. A reabertura de bibliotecas, a oferta de cursos de língua e a organização de ciclos de conferências e exposições reforçaram a visibilidade da Espanha no cenário cultural marroquino contemporâneo. Paralelamente, os Institutos Cervantes, com sedes em Tetuão, Tânger e Casablanca, tornaram-se núcleos de ensino e difusão da língua espanhola, atraindo um público diversificado — de estudantes universitários a profissionais interessados em ampliar horizontes linguísticos. A esse movimento soma-se a realização de festivais literários, mostras de cinema, concertos e programas de intercâmbio, concebidos em parceria com instituições culturais marroquinas e organizações da sociedade civil, o que tem contribuído para criar uma rede de cooperação cultural duradoura e estimular, entre as novas gerações, um interesse renovado pelo idioma e pela herança artística hispânica.

Para Anas Ettaqui (2023, p. 253), os primeiros vestígios da produção literária marroquina em língua espanhola remontam à *Carta de Marruecos*, uma crônica publicada no jornal madrilenho *El Imparcial* em 24 de maio de 1887. O texto relatava uma visita diplomática à cidade de Fez, ocorrida em 12 de abril daquele mesmo ano, marcando assim um dos primeiros registros documentais sobre o Marrocos redigidos em espanhol. A partir dessa data simbólica, outros escritos passaram a emergir no país, entre eles os textos de Na'mat Allah Dahdah. Embora de origem libanesa, Dahdah desempenhou um papel relevante nesse panorama ao colaborar com a *Revista de Tropas Coloniales*, para a qual redigiu diversos artigos abordando aspectos históricos e etnográficos das tradições marroquinas. Sua contribuição representa uma

etapa importante na construção do olhar hispânico sobre o Magrebe, ainda que proveniente de uma perspectiva externa à identidade nacional marroquina.

No contexto da “zona do sultão”, apesar dos esforços do movimento nacionalista - que publicava revistas culturais e reunia escritores e poetas que escreviam em árabe - o predomínio linguístico e educacional era fortemente francófono. Já no norte, sob administração espanhola, o panorama cultural era mais dinâmico: o ensino era ministrado majoritariamente em árabe, e o espanhol ocupava o papel de segunda língua. Farid Othman e Bentria Ramos (2019, p. 47) destacam o equívoco de considerar o espanhol como língua estrangeira nessa região, já que, conforme observa José Sarria (2010), o idioma fazia parte do cotidiano, especialmente nas cidades litorâneas e em atividades como a pesca. Ibn Azzuz Hakim (Ibn Azzuz; Ayala Egea, 1993, p. 8) acrescenta que, desde o século XVII até o XIX, o espanhol também serviu como língua diplomática em Marrocos e, posteriormente, tornou-se o idioma da administração colonial no protetorado espanhol.

Esse contato fomentou, por um lado, um dialeto marroquino setentrional marcado por um “*español pedestre*” (Téllez Rubio, 2019, p. 168) e, por outro, o surgimento de um hispanismo marroquino. Nesse ambiente, emergiu, sobretudo a partir da década de 1930, um movimento cultural significativo, intensificado nos anos 1940. Várias revistas literárias e culturais começaram a circular, reunindo contribuições de autores de diversas cidades — incluindo Rabat e Fez — e consolidando o norte como um polo de produção cultural.

Dentre essas publicações, destaca-se *Al-Mu'tamid*, lançada em Tetuão em 1947 e editada por Muhammad al-Saqalli (Mohamed al-Sakali) e o poeta espanhol Juan Goytisolo, com edições bilíngues em árabe e espanhol. A revista atuou como espaço de intercâmbio literário entre poetas marroquinos e espanhóis, proporcionando acesso às correntes inovadoras da poesia ibérica da época, como as influenciadas pela Geração de 27 (Federico García Lorca, Rafael Alberti) e pelo surrealismo de Salvador Dalí. Nela, Mohammed Serghini publicou alguns de seus primeiros poemas, e textos

espanhóis eram frequentemente traduzidos para o árabe, promovendo um diálogo literário relevante.

Outra publicação relevante foi a revista *Tamuda*, fundada em 1953 em Tetuão, que manteve um perfil cultural e acadêmico, incentivando estudos históricos, linguísticos e literários, e aprofundando a ligação intelectual entre as duas margens do Mediterrâneo.

Apesar da relevância desse período (1930–1950), muitos estudos sobre a poesia marroquina negligenciam a contribuição das revistas *Al-Mu'tamid* e *Tamuda* na construção de um espaço literário híbrido, no qual o espanhol e o árabe se encontravam em pé de igualdade, resultando em um legado cultural e linguístico que ainda hoje marca o norte do Marrocos.

Na região de Ketama, destacou-se a publicação de diversas antologias poéticas e narrativas, que acabaram por consolidar a revista homônima como um dos principais veículos de expressão literária da época, apenas superada em prestígio pela revista *Al Motamid*, com a qual partilhava não apenas objetivos editoriais, mas também um profundo compromisso com o diálogo intercultural entre países vizinhos. Ettaqui Anas (2022, p. 252) confirma que ambas as publicações desempenharam um papel essencial na promoção de uma literatura bilíngue, em árabe e espanhol, marcada por um brilho singular e por uma simbiose artística que transcende a simples troca de influências, evidenciando uma verdadeira fecundação cruzada de universos criativos.

O impacto da revista *Ketama* reside especialmente no fato de ter servido como palco inaugural para duas obras que, com o passar do tempo, seriam consagradas como representantes canônicas da literatura hispano-marroquina do norte da África: *La proscrita* (1953), de Abdul-Latif Jatib, e *Zuleija* (1955), de Mohamed Temsamani. A essas narrativas soma-se ainda o conto *Más sobre Zoraida*, de Driss Diuri, publicado anteriormente no jornal *ABC* em 1949.

Apesar de a produção literária em espanhol não ter sido volumosa nesse período, essas obras inaugurais assumiram um valor simbólico e fundacional notável. Elas contribuíram para o surgimento de uma literatura

em espanhol enraizada no contexto magrebino “uma literatura em construção que, mesmo incipiente, já delineava um percurso entre o passado colonial, o presente criativo e um futuro literário que, paradoxalmente, elogia e dialoga com a tradição espanhola.” (Abrighach, 2019, p. 72).

Foi nesse contexto que muitos marroquinos acompanhavam de perto tudo o que era traduzido, e havia entre eles quem dominasse a língua espanhola e tivesse acesso direto à produção cultural nesse idioma. Por isso, não se deve, em hipótese alguma, ignorar essa fase ou subestimá-la, pois ela representou um momento fundacional na história da poesia marroquina. Não é por acaso que a poesia moderna no Marrocos ou o início de sua renovação estética tenha emergido a partir dessas experiências. Mesmo quando os poetas não eram necessariamente de Tetuão ou do norte do país, muitos deles publicavam nessa revista.

Por outro lado, a poeta espanhola Trina Macader tem um papel significativo nesse processo. Ela viveu por um tempo no Marrocos, inicialmente na cidade de Larache e, depois, um ou dois anos mais tarde, mudou-se para Tetuão. Essa mudança marcou o início de uma fase mais madura da revista *Al-Mu'tamid*, especialmente no início dos anos 1950 (entre 1947 e 1956). Trina, que tinha raízes andaluzas, era profundamente apaixonada pela cultura árabe e empenhou-se em promover o encontro entre a poesia árabe moderna e a poesia espanhola, publicando ambas lado a lado. Em pouco tempo, conseguiu atrair os principais poetas espanhóis jovens da época. Por meio dessa publicação, o leitor teve acesso tanto às tendências poéticas do mundo árabe quanto às correntes contemporâneas da poesia espanhola.

Assim, pode-se afirmar que o embrião da modernidade poética marroquina foi gestado em Tetuão, especialmente por meio do contato direto com a poesia espanhola — que então vivia um de seus momentos mais vibrantes — e com a poesia internacional. As revistas publicadas a partir de Tetuão tornaram-se, portanto, um verdadeiro espaço de intercâmbio e transformação cultural.

Daí, a literatura marroquina escrita em espanhol teve forte presença no norte do país, que esteve sob domínio colonial espanhol. Os escritores dessa região foram formados inteiramente em língua espanhola, e foi nessa língua que desenvolveram sua consciência literária e criativa. O espanhol tornou-se, assim, o canal mais natural para suas expressões literárias, especialmente por sua proximidade com as correntes modernistas da literatura espanhola.

Muitos estudiosos da literatura marroquina em espanhol destacam que, durante o período colonial, diversos escritores e artistas espanhóis viveram em Marrocos e interagiram com intelectuais locais. Chegaram até a fundar revistas literárias com redações compostas tanto por espanhóis quanto por marroquinos, como as revistas *Tamuda*, em Tetuão, e *Al-Mu'tamid*, em Larache.

Surge, então, uma questão inevitável: por que esses escritores marroquinos que se expressavam em espanhol se distanciaram de sua língua materna? Estariam enfrentando uma dificuldade de comunicação? Ou seria a língua apenas um instrumento neutro de expressão? A pergunta fundamental permanece: por que escrever em uma língua estrangeira? Qual é a legitimidade dessa escolha para expressar uma identidade e uma cultura essencialmente marroquinas? Será que essa escrita representa um verdadeiro projeto de afirmação cultural e identitária? Ou se trata de uma tentativa de agradar ao Ocidente, sob o pretexto do chamado "diálogo entre civilizações"?

Embora existam produções literárias significativas em língua espanhola no contexto marroquino, os escritores que optaram por esse idioma não lograram alcançar o mesmo grau de reconhecimento internacional que seus contemporâneos francófonos. Autores como Driss Chraïbi, com o romance *Le Passé simple*, e Tahar Ben Jelloun, cuja obra obteve ampla recepção crítica no espaço francófono europeu, tornaram-se referências incontornáveis da literatura magrebina escrita em francês. Tal visibilidade está diretamente ligada ao prestígio simbólico e editorial que o francês adquiriu nas ex-colônias do Magrebe, ao contrário do espanhol, cuja projeção permanece limitada e pouco institucionalizada.

## ESTUDOS SOBRE A LITERATURA MARROQUINA DE EXPRESSÃO ESPANHOLA

Entre os estudos feitos sobre a história e o percurso da literatura marroquina escrita em língua espanhola, podemos mencionar, entre outros:

*¡Hay moros en la costa! Literatura marroquí fronteriza en castellano y catalán*, de Cristián H. Ricci, publicado em 2014 pela Iberoamericana/Vervuert, é uma obra fundamental que analisa a produção literária de escritores marroquinos contemporâneos que escrevem em espanhol e catalão. Utilizando uma abordagem teórica pós-colonialista e transmoderna, Ricci examina como esses autores representam temas como Espanha, Marrocos e, especialmente, as relações hispano-marroquinas em seus textos.

A obra destaca a importância de autores como Mohamed Bouissef Rekab, Mohamed Sibari, Mohamed Akalay, Abderrahmán El Fathi e Mohamed Chakor, entre outros, que utilizam o espanhol como meio de expressão criativa e crítica. Ricci também aborda a questão da identidade híbrida desses escritores e como suas obras desafiam as fronteiras políticas e culturais tradicionais, propondo uma nova poética que transcende os limites estabelecidos.

Além disso, o autor analisa o papel das antologias literárias, a genealogia colonial e pós-colonial da literatura marroquina em espanhol, sua natureza emergente e incompleta, as tipologias temáticas e formais presentes nas obras, bem como os sistemas de edição e distribuição utilizados pelos autores, incluindo a autoedição e o uso de meios tecnológicos para a divulgação de suas obras.

Em suma, *¡Hay moros en la costa!* é uma contribuição significativa para o estudo da literatura marroquina de expressão espanhola e catalã, oferecendo uma perspectiva crítica sobre as complexas redes de influência entre Europa e Norte da África e revelando a riqueza de uma criação literária transfronteiriça e multilíngue.



Outro trabalho que constitui uma verdadeira contribuição ao campo literário marroquino intitula-se *Moros con letras en la costa. Introducción a la literatura marroquí en lengua española*, cujo autor, Mohamed Abridach, nos conduz por um mergulho atento e necessário em uma produção literária muitas vezes esquecida: a literatura marroquina escrita em espanhol. Publicada em 2024, a obra é uma introdução crítica e abrangente a esse campo em construção, refletindo tanto sobre suas origens quanto sobre os desafios e possibilidades que ele apresenta.

Abridach divide sua análise em seis capítulos bem estruturados, que dialogam entre si, mas também podem ser lidos separadamente. Ele começa discutindo os diferentes nomes atribuídos a essa literatura — às vezes contraditórios ou imprecisos — e propõe uma terminologia que realmente faça jus à sua identidade e complexidade.

Em seguida, o autor analisa as antologias publicadas desde a década de 1990, dentro e fora de Marrocos, destacando seus critérios, limites e a forma como tentam mapear um *corpus* ainda em consolidação. Ele também propõe uma reflexão profunda sobre o caráter colonial e pós-colonial dessas obras, argumentando que, mais do que uma simples herança do passado, trata-se de uma literatura que ressignifica e reinventa sua relação com a língua espanhola.

Abridach ressalta ainda que estamos diante de uma produção emergente: ainda pequena, com lacunas evidentes (como a quase ausência de teatro), mas com enorme potencial criativo. Seus autores abordam temas como identidade, marginalidade, fronteiras culturais e sociais, tudo isso por meio de estilos diversos — do realismo crítico à microficção poética.

Por fim, o livro discute como esses escritores lidam com a escassez de editoras ou apoio institucional. Muitos recorrem à autoedição, a revistas culturais e aos meios digitais para fazer circular seus textos. Essa resistência criativa revela o compromisso desses autores com a escrita, mesmo diante de tantas dificuldades.

Mais do que um simples panorama, *Moros con letras en la costa* é um convite a escutar vozes que se expressam a partir das margens, mas que falam de questões universais. Um estudo necessário para quem deseja compreender melhor os cruzamentos entre literatura, língua e identidade no espaço magrebino.

Também podemos acrescentar outro trabalho de suma importância: *La frontera líquida: Estudios sobre literatura hispanomagrebí*, dos autores José Sarria e Manuel Gachete. O livro, publicado pela Tirant Humanidades em 2019, é uma coletânea de estudos e ensaios que exploram a produção literária de autores do Magrebe que escrevem em espanhol. A obra reúne contribuições apresentadas no congresso realizado em Córdoba, em novembro de 2019, abordando temas como identidade, bilinguismo e interculturalidade na literatura hispanomagrebina.

Os capítulos do livro analisam diversos aspectos dessa literatura, incluindo a presença histórica do espanhol no norte da África, as influências culturais mútuas entre Espanha e Magrebe, e o papel das revistas literárias na promoção de escritores hispanomagrebinos. Destacam-se estudos sobre a utilização do espanhol como língua literária por autores magrebinos, a diversidade de expressões culturais presentes em suas obras e a complexidade das identidades representadas.

*La frontera líquida* oferece uma visão abrangente e crítica da literatura hispanomagrebina, contribuindo para o reconhecimento e valorização dessa produção literária no contexto das literaturas hispânicas e magrebina.

## A POSIÇÃO DA LITERATURA HISPANO-MARROQUINA:

No âmbito nacional, a literatura marroquina de expressão espanhola ocupa um espaço marginal nos programas culturais, especialmente nos

circuitos não oficiais. A análise de programações de festivais literários e eventos culturais revela uma presença esporádica e periférica de escritores hispanófonos. Em geral, essas participações parecem motivadas por relações pessoais, de natureza afetiva ou diplomática, em vez de resultar de um reconhecimento cultural sistemático ou de uma política de valorização efetiva da diversidade linguística. Raramente se observa a inclusão de autores hispano-escreventes ao lado de poetas arabófonos em eventos de maior visibilidade, o que reforça uma dinâmica excludente e sintomática.

Essa situação levanta questões relevantes sobre os critérios de legitimação literária em contextos pós-coloniais plurilíngues. A indiferença em relação à produção literária em espanhol pode ser interpretada sob diferentes prismas: por um lado, como reflexo de uma política cultural seletiva, na qual determinadas línguas –como o árabe e o francês– são privilegiadas em função de sua centralidade histórica e simbólica; por outro, como manifestação das preferências estéticas e ideológicas de uma elite intelectual que, ao longo das últimas décadas, consolidou uma sensibilidade mais afinada com o universo francófono.

De fato, a análise pode ser enriquecida pelo conceito de “campo literário”, desenvolvido por Pierre Bourdieu (1992), segundo o qual a consagração de certos autores e idiomas decorre de lutas simbólicas travadas dentro de um sistema de posições e capitais culturais. A literatura hispano-marroquina, por carecer de redes de mediação institucional sólidas, permanece em uma posição subalterna dentro desse campo. Além disso, à luz dos estudos pós-coloniais, autores como Homi Bhabha (1994) e Edward Said (1978) permitem problematizar a forma como as identidades culturais e linguísticas são negociadas no espaço pós-colonial, revelando as tensões entre tradição e modernidade, centro e periferia, visibilidade e marginalização. A língua espanhola, nesse caso, ocupa uma zona de ambiguidade discursiva, associada historicamente à presença colonial, mas também relegada a um plano secundário no processo de construção simbólica da nação.

Em suma, a marginalização da literatura marroquina escrita em espanhol não pode ser compreendida unicamente a partir de critérios estéticos ou quantitativos. Ela se inscreve em uma lógica mais ampla de poder simbólico e de disputas por legitimidade no interior de um campo literário atravessado por heranças coloniais, interesses editoriais e dinâmicas de capital cultural globalizado.

Em outros tempos, os intelectuais hispanófilos eram acusados de se fecharem em si mesmos, talvez temendo confrontos com os tradicionalistas, que não aceitavam a presença de uma língua que não fosse o árabe nos campos da literatura e do pensamento. Além disso, a transição de Marrocos para a independência, após o domínio colonial francês e espanhol, teve um impacto negativo sobre essas expressões culturais. O período pós-independência, marcado por tensões linguísticas e simbólicas, favoreceu uma visão segundo a qual a soberania nacional só poderia ser alcançada por meio da supremacia da língua árabe — uma postura amplamente defendida pelas elites políticas governantes desde 1956.

Especialistas na literatura marroquina escrita em espanhol afirmam que, embora essa produção tenha conquistado leitores fora do país, ela continua ignorada pelas instituições culturais marroquinas. Para eles, essa literatura é como uma sopa quente servida com prazer ao público espanhol, que saboreia um retrato de Marrocos muitas vezes estereotipado e marcado por uma estética do sofrimento.

## A ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES MARROQUINOS EM LÍNGUA ESPANHOLA

Foi criada em Larache em 1997 e atualmente presidida pelo escritor e jornalista El Achiri (do jornal *La Mañana*), desempenhando um papel importante na promoção e organização dessa produção literária. A associação ajudou a reunir escritores e a divulgar suas obras, alimentando debates

críticos e contribuindo para enriquecer o acervo da literatura em espanhol. Podemos citar, por exemplo:

- Mohamed Sibari, autor de dez livros em espanhol;
- Mohamed Bouissef Rekab, com oito obras;
- Mohamed Akalay, com três títulos publicados;
- Moulay Ahmed El Kamoun e o romancista Said El Jadidi, que publicou quatro romances em espanhol: *El primer grito* (2001), *El informe ambiguo sobre el destino* (2003), *Bajo sello* (2005) e *Yamna* (2006);
- Najat El Hachimi;

Além disso, acrescenta-se outro grupo de jovens escritores hispano-marroquinos, tais como Meryem Ghoua, Achraf Salti, Ikram Oualla, Rachid Boussad, Ahmed Balghazal, Amira Debbabi, El Abbas Tahri Youtéi e Nabil Loukili, entre outros.

No campo da poesia, Abderrahman El Fathi publicou cinco coletâneas:

- *Trilogía de imágenes y palabras* (1998);
- *El anclaje* (2000), com a qual ganhou o Prêmio Rafael Alberti de Poesia;
- *África en versos mojados* (2002);
- *La primavera en Ramala y Bagdad* (2003);
- *Desde la otra orilla* (2006).

Essas reflexões suscitam uma indagação central no âmbito das literaturas pós-coloniais: o que a literatura marroquina escrita em espanhol pode oferecer de específico e significativo ao panorama da literatura hispânica contemporânea? Tal questão não se restringe a uma curiosidade periférica, mas toca diretamente em debates sobre legitimidade, centralidade cultural e os mecanismos de canonização literária. Em outras palavras, até que ponto o sistema literário espanhol — historicamente marcado por uma lógica eurocêntrica de valorização — está disposto a reconhecer como parte integrante de seu repertório produções oriundas de contextos historicamente subalternizados, como o Norte da África?

Essa tensão foi articulada de forma particularmente incisiva pelo jornalista e poeta Choukri El Bakri, autor que transita entre o árabe e o espanhol, durante a sua intervenção na primeira Conferência Internacional sobre Literatura Marroquina Escrita em Espanhol, realizada em 1994 na Faculdade de Letras de Dhar El Mehraz, em Fez. El Bakri questionava, com lucidez e inquietação, o lugar que um autor não espanhol poderia ocupar no interior da tradição literária hispânica: “O que posso eu, como autor árabe, oferecer à literatura espanhola e latino-americana? Acaso lhes faltam poetas ou contistas?” Suas indagações não visam uma resposta definitiva, mas colocam em evidência o caráter assimétrico das relações entre centro e periferia na produção e circulação de bens simbólicos.

Nesse contexto, os estudos de Edward Said (1978) e Homi Bhabha (1994) tornam-se particularmente relevantes, ao evidenciar como os discursos culturais hegemônicos tendem a produzir o outro a partir de uma lógica de exotização ou de subordinação. Como argumenta Said: “o Orientalismo expressa e representa politicamente não apenas uma ideia ou um estilo, mas sobretudo uma posição de poder” (Said, 1978, p. 5). A inserção de vozes magrebina no espaço literário hispânico desafia justamente essa estrutura, ao propor um deslocamento epistemológico e estético que rompe com o modelo assimilacionista. Como argumenta Bhabha (1994), a produção pós-colonial se caracteriza por sua ambivalência e por sua capacidade de desestabilizar narrativas fixas de identidade, operando a partir do que ele denomina de “terceiro espaço” — um lugar de enunciação híbrida, onde novas formas de significação emergem (Bhabha, 1994, p. 36).

Adicionalmente, os aportes da teoria do campo literário de Pierre Bourdieu ajudam a compreender como o reconhecimento institucional de determinadas vozes está condicionado por estruturas de poder simbólico. Segundo o autor: “o campo literário é um espaço de posições e de tomadas de posição, estruturado pelas lutas entre os agentes em torno do monopólio da legitimidade cultural” (Bourdieu, 1992, p. 113). A escassa visibilidade de autores marroquinos que escrevem em espanhol revela, assim, não apenas uma questão de recepção estética, mas um problema estrutural relacionado à

configuração desigual dos circuitos culturais e editoriais entre Europa e Magrebe.

Nesse sentido, a contribuição da literatura marroquina em espanhol não reside apenas no conteúdo temático ou na inovação formal de suas obras, mas na possibilidade de reconfigurar os próprios parâmetros de pertencimento e legitimidade da literatura hispânica. Trata-se, em última instância, de reconhecer que a diversidade linguística e cultural — longe de ser um obstáculo — constitui uma de suas maiores riquezas, conforme assinalado por El Bakri em sua defesa da heterogeneidade como traço constitutivo da literatura em espanhol.

É importante reconhecer que a escolha de escrever em espanhol nasce de uma necessidade tanto estética quanto intelectual: trata-se de explorar uma cultura vizinha, com a qual o Marrocos compartilha uma longa história e muitos traços culturais. A literatura pode construir pontes onde a política falha — pode ultrapassar fronteiras e aproximar os povos. No entanto, o futuro dessa literatura depende da nova geração de escritores, muitos dos quais migraram para a Espanha e, por isso, talvez já estejam livres do trauma colonial e das feridas ainda abertas que persistem entre as gerações mais antigas.

Um nome recente que merece destaque é o da escritora marroquina Najat El Hachmi, que ganhou grande projeção na cena literária catalã. Sua obra *O Último Patriarca* (*L'últim patriarca*, 2008) foi considerada a grande surpresa do ano na literatura da Catalunha e venceu o Prêmio Ramon Llull, o mais importante da literatura catalã, concedido desde 1981. O livro também alcançou altas vendas.

## DESAFIOS DA LITERATURA MARROQUINA EM LÍNGUA ESPANHOLA

Ao examinarmos de perto a literatura marroquina escrita em espanhol — desconstruindo seus elementos, analisando o que já foi feito e o que ainda permanece por explorar, e considerando as conquistas dos autores e os frutos criativos que se consolidaram (ou não) — deparamo-nos com um cenário que exige uma reflexão crítica. A crítica literária espanhola tende a reforçar determinados estereótipos, sobretudo em relação a escritores migrantes e às suas condições socioeconômicas. Grande parte das análises se baseia em leituras extraliterárias, privilegiando contextos históricos, sociais ou políticos, em vez de avaliar a própria qualidade literária dos textos.

Além disso, essa literatura enfrenta um problema evidente: a falta de difusão. Em comparação com a literatura marroquina escrita em francês — frequentemente promovida por campanhas publicitárias robustas, capaz de alcançar altos níveis de vendas com um único romance e gerar impacto no cenário cultural — a produção em espanhol permanece marginal, quase invisível.

Do ponto de vista do crítico e tradutor Idriss El Jabrouni (1997)<sup>1</sup>, não se pode sequer falar da existência de uma “literatura marroquina em espanhol”. Para ele, trata-se apenas de “textos escritos por marroquinos em língua espanhola”, o que, segundo ele, “deveria alegrar os hispanofalantes por representar novas possibilidades para a língua espanhola, mas não justifica sua elevação ao estatuto de uma literatura consolidada”. Embora sua opinião possa parecer dura, Jabrouni fundamenta-a com argumentos consistentes: segundo ele, “essa literatura não tem futuro, pois está marcada por um pós-colonialismo persistente e pela ausência de um público leitor hispanófono significativo no Marrocos”.

Ele vai além, classificando essa produção como uma “astúcia literária” — uma forma de mimetismo que, consciente ou inconscientemente, serve a

<sup>1</sup> JEBROUNI, Driss, «La falacia de la literatura marroquí en castellano», La Mañana (diário em espanhol de Casablanca), abril de 1997. Reeditado en Marruecos digital.



propósitos ambíguos de confusão ou engano. Jabrouni critica a imitação grosseira de estilos, temas e usos literários, moldados à imagem que o leitor europeu — ou aquele que busca parecer europeu — deseja ver de Marrocos: um país exótico, turístico e folclorizado. Dessa forma, a autenticidade desses autores corre o risco de se transformar em um discurso ideológico de continuidade do colonialismo cultural, perpetuando uma lógica de dependência.

Em contraposição, o poeta Al Ayachi Abou Chouetaa<sup>2</sup> apresenta uma visão diferente. Ele valoriza positivamente a literatura espanhola escrita por marroquinos, considerando-a um enriquecimento da própria literatura hispânica, uma diversificação qualitativa capaz de imprimir originalidade e singularidade à sua produção literária. Para ele, há condições essenciais para que a criação artística em espanhol — seja em prosa ou poesia — se realize plenamente: o domínio da língua, a capacidade de fabulação e a sensibilidade estética. Sem esses elementos, não há literatura de fato, nem obras capazes de criar mundos imaginários, compor espaços férteis e conduzir o leitor pelo imaginário e pela beleza.

A mesma linha de análise é seguida pela pesquisadora e historiadora espanhola María Rosa de Madariaga (2013), que, em um de seus artigos, comparou as políticas coloniais francesa e espanhola em Marrocos. Segundo ela, enquanto a colonização francesa no sul do país deu origem a uma geração expressiva de escritores de prestígio e produção literária de alto nível, a realidade no norte — sob domínio espanhol — foi distinta: são poucos os escritores que escrevem em espanhol, e muitos o fazem com uma linguagem precária e pouco literária.

No que diz respeito à crítica especializada voltada à literatura marroquina em espanhol, percebe-se que ela é extremamente escassa, assim como as próprias obras literárias, que são difíceis de encontrar, exceto em bibliotecas privadas de estudiosos especializados. Uma rara exceção é o livro coletivo *Literatura Marroquina em Língua Espanhola*, publicado em 1996 pelos autores Mohamed Chakour (marroquino) e Sergio Macías (espanhol), pela editora Magalia, em Madri. A obra representa uma tentativa louvável de

<sup>2</sup>Jawad, publicado no Jornal Al Ittihad Al Ichtraki, 01-01-2010/  
جواد الكلخة نشر في الاتحاد  
الاشتراكي يوم 01 - 01 - 2010  
<https://www.maghress.com/alittihad/101587>

reunir uma produção dispersa, e seus autores merecem reconhecimento pelo esforço. Contudo, o livro não passou incólume às críticas. Poetas e estudiosos como Ayachi Abou Chouetaa, Idriss El Jabrouni e María Rosa de Madariaga apontaram falhas significativas na obra. O principal problema, segundo eles, foi a adoção de uma noção excessivamente ampla do conceito de "hispanidade", que levou os autores a incluir no volume qualquer manifestação intelectual ou escrita em espanhol por parte de marroquinos, mesmo que essas produções não guardassem relação com o conceito literário em sentido estrito. Mais ainda: o livro chega a mencionar nomes de poetas que, até onde se sabe, jamais escreveram sequer um texto em espanhol, mas que figuram na obra apenas por possuírem algum conhecimento do idioma. Esse critério excessivamente elástico, centrado na ideia genérica de "hispanização", compromete, segundo os críticos, a seriedade da proposta.

Ao integrar essas perspectivas, observa-se que, embora haja divergência entre os estudiosos, todas as análises reforçam a necessidade de examinar criticamente a literatura marroquina em espanhol, não apenas para validar sua existência, mas para compreender suas singularidades, desafios e contribuições dentro do panorama literário hispânico contemporâneo.

## CONTRIBUIÇÕES DE ESCRITORES MARROQUINOS QUE ILUMINARAM A CENA LITERÁRIA EM ESTRELAS ESPANHOLAS

A literatura marroquina escrita em espanhol, como foi descrita anteriormente, constitui uma vertente singular e ainda pouco explorada da produção literária contemporânea do Magrebe. Não se trata apenas de um fenômeno linguístico, mas de um espaço de interseção cultural que nasce do entrelaçamento de memórias, trajetórias coloniais, identidades híbridas e diálogos entre tradições árabes, berberes e europeias. Ao escreverem em

espanhol, esses autores não apenas dialogam com o legado da Península Ibérica, mas também ressignificam o idioma, adaptando-o às suas próprias experiências e inquietações.

Essa produção literária, surgida muitas vezes à margem da história oficial das letras hispânicas, foi marcada pelo pioneirismo de nomes que transformaram a língua do antigo colonizador em instrumento de resistência cultural, mediação simbólica e criação estética. Entre eles, destacam-se Mohamed Akalay, Mohamed Sibari, Mohamed Bouissef Rekab, Mohamed Lahchiri, Abderrahmán El Fathi, Abdelatif Limami e Mohamed Chakor, cujas obras atravessam fronteiras geográficas e intelectuais, ora explorando a memória histórica, ora refletindo sobre a condição do exílio, ora investigando a tensão entre tradição e modernidade.

Essa literatura não se limita a reproduzir padrões formais da narrativa ou poesia espanhola; ao contrário, incorpora ritmos orais do Magrebe, expressões populares, referências islâmicas e imagens do cotidiano marroquino, criando uma estética transfronteiriça que desafia rótulos e reivindica um lugar próprio no mapa global das letras. É também uma literatura profundamente engajada: muitos de seus autores viveram períodos de repressão política, censura ou marginalização cultural, o que torna suas vozes ainda mais urgentes e valiosas.

Ao apresentar brevemente a trajetória e a contribuição de cada um desses escritores -homens e mulheres que escreveram desde Larache, Tetuán, Nador ou ainda do exílio- pretende-se lançar luz sobre uma produção literária rica e complexa, que merece reconhecimento crítico e maior circulação. Este panorama não apenas documenta uma realidade cultural ainda em construção, mas também convida à reflexão sobre as múltiplas vozes que compõem o tecido cultural do Marrocos contemporâneo.

## MOHAMED BOUISSEF REKAB

A análise temática dos romances e contos de Mohamed Bouissef Rekab revela um trabalho cuidadoso com a simbologia das cidades portuárias, das ruas e praças de Tetuão e da paisagem costeira, elementos que funcionam como metáforas da passagem, da abertura e, simultaneamente, do isolamento. Em suas mãos, a língua espanhola deixa de ser apenas veículo narrativo para se tornar um território de resistência cultural, capaz de preservar memórias e dar voz a histórias que poderiam se perder na homogeneização cultural global. Três eixos recorrentes permeiam sua obra: a recuperação da memória e das narrativas silenciadas do período colonial; a representação do espaço urbano do norte de Marrocos como lugar de encontros, conflitos e convivências complexas; e a problematização das migrações, sejam elas físicas, afetivas ou culturais. Ao articular esses elementos, Rekab constrói uma literatura de fronteira que atua simultaneamente como testemunho histórico, exercício de crítica social e celebração da diversidade cultural. Estudar sua produção literária significa compreender não apenas uma dimensão essencial da literatura marroquina em espanhol, mas também as continuidades e rupturas que marcam as relações entre Marrocos e Espanha ao longo das últimas décadas, revelando como essa literatura se reinventa no presente sem abdicar de sua memória histórica e das tensões que a originaram.

## MOHAMED AKALAY

Nascido em 1946, em Larache, Mohamed Akalay é escritor e hispanista marroquino. Doutor em Filologia Espanhola pela Universidade de Sevilha, destacou-se por estudos sobre a influência árabe na literatura

espanhola, especialmente na picaresca. É autor de obras como *Entre dos mundos* (2003) e *Entre Tánger y Larache*, além de ensaios como *Las Maqâmât y la Picaresca*. Recebeu prêmios como o Eduardo Mendoza de narrativa curta e a Cruz de Oficial da Ordem do Mérito Civil da Espanha.

Nascido em 1946, em Larache, Mohamed Akalay é um dos escritores e hispanistas mais proeminentes do Marrocos contemporâneo. Doutor em Filologia Espanhola pela Universidade de Sevilha, dedicou grande parte de sua carreira ao estudo da influência árabe na literatura espanhola, com especial atenção à tradição picaresca, explorando as interseções entre os mundos literários ibérico e magrebino. Sua obra literária combina análise crítica e criação artística, articulando a memória histórica, a experiência cultural e a reflexão sobre identidades híbridas.

Entre suas publicações mais relevantes estão *Entre dos mundos* (2003), um romance que retrata a tensão entre tradição e modernidade na vida cotidiana marroquina, e *Entre Tánger y Larache*, obra que reflete sobre o pertencimento, a memória afetiva e as mudanças sociais em cidades marcadas pela presença colonial espanhola. Além disso, Akalay produziu ensaios acadêmicos de destaque, como *Las Maqâmât y la Picaresca*, nos quais investiga a influência árabe sobre a literatura espanhola clássica, evidenciando as conexões históricas e culturais que atravessam séculos.

Sua trajetória é marcada por reconhecimentos internacionais, incluindo o prêmio Eduardo Mendoza de narrativa curta e a Cruz de Oficial da Ordem do Mérito Civil da Espanha, distinções que ressaltam tanto sua contribuição para a literatura quanto seu papel na promoção do diálogo cultural entre Marrocos e Espanha. Akalay representa, assim, uma ponte viva entre as tradições literárias do Magrebe e da Península Ibérica, mostrando como o estudo acadêmico e a criação literária podem se entrelaçar para iluminar a complexidade identitária e histórica de seu país.

## MOHAMED SIBARI

Nascido em 1945, em Ksar el-Kébir, Mohamed Sibari foi um dos pioneiros da literatura marroquina em espanhol, contribuindo de forma decisiva para a consolidação de uma tradição literária híbrida que dialoga com a história, a cultura e a língua da Península Ibérica. Desde jovem, Sibari demonstrou grande sensibilidade para as nuances culturais do norte do Marrocos, região marcada pelo prolongado contato com a Espanha, e utilizou o espanhol não apenas como instrumento de comunicação, mas como espaço de criação literária e reflexão identitária.

Sibari publicou a primeira novela marroquina em espanhol, *El Caballo* (1993), obra que combina narrativa histórica, crítica social e elementos de memória coletiva, abordando temas como deslocamento, identidade e relações entre tradição e modernidade. Entre suas outras obras destacam-se *Judería de Tetuán*, que retrata a convivência multicultural na cidade do norte, e *Poemas de Larache*, coletânea poética que explora sentimentos de pertença, nostalgia e resistência cultural. Além de sua produção literária, Sibari foi um intelectual engajado na promoção da literatura marroquina em espanhol, sendo fundador da Associação de Escritores Marroquinos em Língua Espanhola, entidade que desempenhou papel crucial na visibilidade e difusão desse campo literário.

Reconhecido por sua relevância tanto no Marrocos quanto na Espanha, Sibari recebeu diversas condecorações, incluindo a Cruz de Oficial do Mérito Civil da Espanha, reconhecimento que evidencia sua contribuição para o diálogo cultural e literário entre os dois países. Sua obra reflete não apenas a vivência de um escritor inserido em um contexto colonial e pós-colonial, mas também a capacidade de transformar a língua espanhola em instrumento de memória, resistência e criação estética, consolidando-se como referência imprescindível da literatura hispano-marroquina contemporânea.

## MOHAMED LAHCHIRI

Jornalista, tradutor e hispanista marroquino, Lahchiri é conhecido por traduzir obras árabes para o espanhol e vice-versa. Publicou coletâneas de contos como *Pedacitos entrañables* (1995) e *Cuentos ceutíes* (2004). É membro da Associação de Escritores Marroquinos em Língua Espanhola e do Instituto de Estudos Ceutíes.

Jornalista, tradutor e hispanista marroquino, Mohamed Lahchiri construiu uma carreira dedicada à mediação cultural entre o mundo árabe e o espanhol. Reconhecido por sua habilidade em traduzir obras literárias e acadêmicas do árabe para o espanhol e vice-versa, Lahchiri desempenhou um papel decisivo na circulação de textos e ideias entre os dois universos linguísticos. Sua produção inclui coletâneas de contos como *Pedacitos entrañables* (1995) e *Cuentos ceutíes* (2004), nas quais explora a vida cotidiana, as tradições locais e as complexidades sociais do norte de Marrocos, sempre a partir de uma perspectiva que combina observação atenta e sensibilidade literária.

Membro ativo da Associação de Escritores Marroquinos em Língua Espanhola e do Instituto de Estudos Ceutíes, Lahchiri contribuiu para o fortalecimento institucional da literatura marroquina em espanhol, promovendo o diálogo intercultural e a valorização de narrativas muitas vezes marginalizadas. Sua obra revela o potencial do espanhol como instrumento de expressão identitária, capaz de registrar memórias e experiências do Magrebe com profundidade e nuance.

## ABDERRAHMÁN EL FATHI

Poeta e escritor marroquino, El Fathi é conhecido por sua poesia que reflete sobre a identidade e a cultura marroquina. Foi um dos fundadores da Associação de Escritores Marroquinos em Língua Espanhola e contribuiu significativamente para a promoção da literatura em espanhol no Marrocos.

Poeta e ensaísta, Abderrahmán El Fathi destaca-se pela capacidade de articular reflexões sobre identidade, cultura e memória no contexto marroquino. Sua poesia combina influências árabes, espanholas e universais, resultando em um corpo literário marcado pela sensibilidade estética e pelo compromisso social. Como um dos fundadores da Associação de Escritores Marroquinos em Língua Espanhola, El Fathi teve papel central na promoção da literatura em espanhol, contribuindo para criar espaços de intercâmbio cultural e intelectual entre Marrocos e Espanha.

Seus poemas exploram temas recorrentes como a nostalgia, o deslocamento, a coexistência de múltiplas identidades e a tensão entre tradição e modernidade. Por meio de sua obra, El Fathi revela o potencial da literatura em espanhol de servir como veículo de resistência cultural e de expressão de experiências vividas em contextos sociais e históricos complexos, reforçando o caráter híbrido e plural da produção literária marroquina.

## MOHAMED CHAKOR

Nascido em 1937, em Tetuán, Mohamed Chakor foi jornalista, escritor e hispanista, com trajetória marcada pelo engajamento intelectual e pela mediação cultural. Atuou como primeiro correspondente da agência MAP na Espanha e colaborou com a Rádio Televisão Marroquina, consolidando-se



como ponte entre os mundos jornalístico, literário e acadêmico. Autor de cerca de 30 livros, sua obra aborda temas como a história, o Islã e as relações entre Marrocos e Espanha, refletindo sobre identidade, memória e legado colonial. Chakor também foi membro fundador da Associação de Escritores Marroquinos em Língua Espanhola, contribuindo para a criação de uma rede de escritores que fortaleceu a literatura hispano-marroquina. Seu trabalho é caracterizado pelo cuidado com o contexto histórico e social, combinando pesquisa rigorosa com narrativa literária, e evidenciando como o espanhol pode ser ferramenta de registro cultural, resistência e construção de diálogos transculturais.

## ESTHER BENDAHAN

Nascida em 1964 em Tetuão, Esther Bendahan pertence a uma família sefardita com profundas raízes históricas no Marrocos. Desde cedo, sua vida foi marcada por deslocamentos e contatos culturais múltiplos, experiências que moldaram sua sensibilidade literária e seu olhar sobre identidade, memória e pertencimento. Estabelecida posteriormente em Madrid, onde estudou psicologia e filologia francesa, Bendahan transformou sua vivência transnacional em matéria literária, utilizando o espanhol não apenas como língua de comunicação, mas como território de criação e reflexão sobre as complexas relações entre cultura, história e diáspora.

Sua obra literária é marcada por uma abordagem íntima e sensível da experiência humana. Em romances como *Soñar con Hispania* (2002) e *La sombra y el mar* (2003), Bendahan explora memórias familiares, traumas históricos e a tensão entre culturas, revelando como a herança sefardita se entrelaça com as experiências marroquinas e espanholas. Em *Deshojando alcachofas* (2005) e *Déjalo, ya volveremos* (2006), a autora continua a examinar temas como migração, exílio e reconstrução identitária, oferecendo uma perspectiva

feminina e afetiva sobre processos históricos que marcaram várias gerações. Já em *La cara de Marte* (2007), obra premiada com o Prêmio Tigre Juan, Bendahan combina narrativa autobiográfica e ficção para abordar a complexidade das escolhas individuais frente a legados culturais e políticos.

O trabalho de Esther Bendahan destaca-se por sua capacidade de dar voz às memórias silenciadas e às experiências liminares de pessoas cujas identidades transitam entre mundos distintos. Sua escrita, sensível e perspicaz, ilumina não apenas a experiência marroquina em espanhol, mas também a universalidade da busca por pertencimento, mostrando como a literatura pode ser um instrumento de reconciliação entre passado e presente, tradição e modernidade, raízes e horizontes. Bendahan, assim, ocupa um lugar singular na literatura marroquina contemporânea em espanhol, representando uma perspectiva feminina essencial em um panorama literário historicamente dominado por autores homens.

## CONCLUSÃO

A literatura marroquina escrita em espanhol revela-se como um campo literário singular, marcado por tensões históricas, culturais e linguísticas. Ao longo do artigo, demonstrou-se que esta produção não se limita a reflexos do colonialismo passado, mas constitui uma arena de resistência, invenção e expressão identitária, onde autores dialogam simultaneamente com tradições árabes, amazigues e hispânicas. O exame das trajetórias de escritores como Mohamed Bouisef Rekab, Mohamed Sibari e Mohamed Chakor evidencia a capacidade dessas vozes de articular experiências de exílio, híbridos culturais e desafios contemporâneos, mesmo diante de uma difusão limitada e de reconhecimento institucional restrito.

A análise crítica mostrou que o debate sobre a legitimidade dessa literatura é atravessado por visões divergentes: de um lado, críticas que

questionam seu estatuto literário; de outro, perspectivas que valorizam sua originalidade, contribuição para a diversidade do panorama hispânico e potencial de reconfigurar conceitos de identidade e pertencimento. Este contraponto evidencia que o valor da literatura marroquina em espanhol não se reduz a critérios de mercado ou canonização tradicional, mas reside em sua capacidade de produzir significados inovadores, atravessando fronteiras geográficas e simbólicas.

Assim, reconhecer e estudar esta literatura é não apenas expandir o horizonte da hispanofonia, mas também compreender as complexidades das literaturas pós-coloniais, em que o diálogo entre culturas, línguas e experiências históricas se converte em força criativa e crítica. Futuras pesquisas podem aprofundar a análise dos mecanismos de circulação e recepção desses textos, bem como explorar os modos pelos quais novas gerações de escritores ampliam e transformam este legado literário, garantindo que a literatura marroquina em espanhol continue a afirmar-se como campo de reflexão e inovação dentro da literatura global.

## REFERÊNCIAS

ABRIGHACH, Mohamed. **Moros con letras en la costa: Origen, evolución y situación actual de 2019.**

BOUNOU, Abdelmouneim (Coord.). **Escritura marroquí en lengua española.** Fez: Info-Print. 1998.

CHAKOR, Mohamed; MACIAS, Sergio. **Literatura marroquí en lengua castellana.** Madrid: Prisma. 1996.

CHAKOR, Mohamed; MACIAS, Sergio. La literatura marroquí de expresión española: un imaginario en ciernes. In: *Tazi, A. (Coord.). Escritura marroquí en lengua española II. Creación y comparación (1975-2000).* Fez: Post-Modernité, 2004.

ETTAQUI. Anas. **Nuevas aproximaciones a las realidades africanas y sus diásporas** - “La aparición de la literatura marroquí en lengua española en su contexto socio-cultural”. *Valladolid: Ediciones Universidad de Valladolid*. 2022.

GAHETE. Manuel; LIMAMI. Abdellatif; MGARA, Ahmed M.; SARRIA, José; TAZI. Aziz. **Calle del agua**. Antología de la Literatura Hispanomagrebí. Madrid: Sial. 2008.

KATHIBI. Abdelkebir. **Maghreb pluriel**. Paris: Denoë. 1983. **Dos Orillas: revista intercultural**. n. 32-33. 2019. Disponível em: <http://revistadosorillas.net/wp-content/uploads/2019/11/orillas-2-3.pdf>

LOMAS LOPEZ. E. **La literatura hispano-magrebí y el mercado editorial: esbozo histórico**. Aljamía 22: 69-78. 2011.

MADARHRI Alaoui. **Réflexions sur l'identité interculturelle en littérature maghrébine**. *Revue de la Faculté des Lettres de Rabat*, v. 19, p. 12-19, 1991.

MOURA. Jean-Parc. **Littératures francophones et théories postcoloniales**. Paris: PUF. 2009.

REKAB, Mohamed Bouissef. **El vidente**. Tetuán: Hidayat. edição da Associação de Atividades Sociais e Culturais da Faculdade de Letras de Tetuán. 1994.

REKAB, Mohamed Bouissef. **Desmesura**. Tetuán: Alpha Graph. 1995.

REKAB, Mohamed Bouissef. **Inquebrantables**. Tetuán: Addamir. 1996.

REKAB, Mohamed Bouissef. **Intramuros**. Tánger: Altopress - Publicaciones de la Facultad de Letras de Tetuán. 1999.

REKAB, Mohamed Bouissef. **El mundo ficticio de la trilogía: Desmesura-Inquebrantables-Intramuros**. In: Tazi. A (Coord.). **Escritura marroquí en lengua española II**. Creación y comparación (1975-2000). Fez: Post-Modernité. 2004.

REKAB, Mohamed Bouissef. **Primeros escritores marroquíes en lengua española**. Centro Virtual Cervantes. La literatura marroquí de expresión española. Disponível em: [http://www.cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario\\_05/bouissef/p02.htm](http://www.cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario_05/bouissef/p02.htm)

ROSA DE Madariaga. María. **Marruecos. ese gran desconocido**. Breve Historia del Protectorado español. Madrid: Alianza Editorial. 2013.

SANTOS. E. *Méditerranée. Essais de création*. Disponível em:  
[http://www.babelmed.net/anteprema\\_printa.php?menu=34&cont=1779&lingua=fr](http://www.babelmed.net/anteprema_printa.php?menu=34&cont=1779&lingua=fr), 2006a.

SANTOS. E. *Méditerranée. Un mouvement peu connu*. Disponível em:  
[http://www.babelmed.net/anteprema\\_printa.php?menu=34&cont=1780&lingua=fr](http://www.babelmed.net/anteprema_printa.php?menu=34&cont=1780&lingua=fr), 2006b.

TAZI. Aziz. (Coord.). *Escritura marroquí en lengua española II. Creación y comparación (1975-2000)*. Fez: Post-Modernité. 2004.

## New Voices of Moroccan Literature in Spanish

**Abstract:** Moroccan literature written in Spanish is a unique product of historical and cultural contact with Spain, especially during the Spanish Protectorate (1912–1956). Though less known than Arabic or French works, it reflects Morocco's cultural diversity and bilingual legacy. Authors like Rekab, Sibari, and Chakor explore identity, exile, and intercultural tensions, using Spanish as a creative and critical tool. Despite limited recognition, this literature acts as symbolic resistance and cultural affirmation, offering fresh insights into Maghrebi realities. Its study highlights the complex ties between Europe and North Africa, and the richness of multilingual, cross-border literary production.

**Keywords:** Moroccan literature. Spanish expression. Spanish Protectorate. Cultural identity. Postcolonial literature. Moroccan Hispanic writers.

## Nouvelles voix de la littérature marocaine d'expression espagnole

**Résumé :** La littérature marocaine d'expression espagnole est un champ littéraire original, né du contact entre le Maroc et l'Espagne, notamment durant le protectorat espagnol (1912–1956). Moins connue que la production en arabe ou en français, elle reflète la diversité culturelle marocaine et un héritage bilingue. À travers des thèmes comme l'identité, l'exil ou la mémoire, des auteurs comme Rekab, Sibari ou Chakor utilisent l'espagnol comme moyen d'expression critique et créative. Malgré sa marginalisation, cette littérature constitue un espace de résistance symbolique et offre un regard unique sur les réalités maghrébines et les dynamiques culturelles euro-maghrébines.

**Mots-clés :** Littérature marocaine. Expression espagnole. Protectorat espagnol. Identité culturelle. Littérature postcoloniale. Écrivains marocains hispanophones.